



Urbano Bettencourt

Pedro da Silveira - nem só de poesia

Fui ao mar buscar laranjas, o livro que justifica a nossa presença aqui,* reúne a poesia de Pedro da Silveira – e não arriscarei a chamar-lhe a «poesia completa», porque mesmo se nos ativermos apenas ao espólio do poeta há pontas soltas que permanecem por atar. E sem falar dos poemas que jazem nos jornais portugueses e na imprensa do Brasil e do México (embora, e para felicidade do poeta, publicados sob pseudónimo, como confessou). E ganha um sentido particular o facto de estarmos precisamente neste lugar, a Biblioteca Nacional, que foi, afinal, o seu grande local de trabalho e onde se encontra o seu espólio (suponho que a parte substancial).

Foi para mim um desafio aceitar o convite do IAC para realizar este trabalho, com implicações diferentes daquelas que tenho encontrado no âmbito da reedição da obra de outro escritor açoriano, José Martins Garcia. Mas para lá da sua dimensão técnica e textual, este foi também um trabalho do coração e de afecto por uma poesia que sempre me foi tão próxima, já nesses tempos formativos dos anos sessenta, e na qual reconheço a qualidade e a diversidade estético-literária de um grande poeta da língua portuguesa revelado na década de cinquenta. Com Pedro da Silveira nós, os da geração seguinte, aprendemos que havia mais mundo para lá da neve do Augusto Gil e da pobreza conformada das quadras do Correia de Oliveira. Pedro da Silveira levou-nos a descobrir que não havia ali à volta nenhum paraíso; o mais próximo (se o houvesse) ficava na Califórnia, mas para atingi-lo era preciso atravessar alguns infernos.

A essa diversidade de modelos e discursos não será alheio o contacto demorado que manteve com a poesia do mundo, traduzindo-a continuamente e reunindo algumas dessas traduções no livro *Mesa de Amigos*, que conheceu duas edições ainda em

vida do autor. As glosas, os comentários, as «imitações», bem como alguns géneros poéticos deverão a esse convívio a sua presença na obra do poeta florentino.

Falamos do poeta e Pedro da Silveira sempre se considerou fundamentalmente um poeta. Mas isto não deve levar-nos a esquecer o jornalista, o investigador histórico e etnográfico (a quem devemos a recolha e o registo de materiais da tradição oral), o historiador literário – «um dos mais diligentes pesquisadores de literatura em Portugal», escreveu Gerald Moser.

Dentro da sua geração açoriana, Pedro da Silveira e também Eduíno de Jesus souberam articular a criação poética com uma outra vertente ensaística, crítica e historiográfica, contribuindo para a delimitação do espaço intelectual e cultural em que se movimentavam e estabelecendo os contornos teóricos que propunham para a sua própria actividade literária.

É mesmo possível que o perfil público de Pedro da Silveira tenha estado associado com mais frequência ao seu trabalho de investigador, dada a participação em colóquios, congressos, paralelamente à investigação de mais largo alcance, de que podem ser exemplos a sua *Antologia de Poesia Açoriana – do século XVIII a 1975* (1977) e mesmo a «recuperação» do poeta Roberto de Mesquita com a reedição de *Almas Cativas*, em 1973. A estes podíamos acrescentar ainda o extenso verbete «Açores» do *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, de José João Cochofel (1977), ou a investigação literária que dá corpo a *Os últimos luso-brasileiros: sobre a participação de brasileiros nos movimentos literários portugueses do Realismo à dissolução do Simbolismo* (1981). No mesmo âmbito, devemos-lhe igualmente a organização da *Antologia Poética* de Joaquim Fortunato de Valadares Gamboa e da antologia *43 Médicos*

Poetas (aliás, quarenta e dois médicos e uma médica), nos quais se incluem alguns açorianos (cerca de meia dúzia).

A curiosidade insaciável que era um traço do seu modo de ser intelectual, bem como a atenção ao mundo e a capacidade de provocar e estabelecer redes, associadas à erudição e à informação minuciosa que caracterizam o seu trabalho, permitiram que hoje disponhamos de muita informação tornada do domínio comum sem que nos preocupemos já com a sua fonte. A correspondência existente no seu espólio constitui a prova dessas redes criadas em seu redor, estabelecendo contacto com informadores eventuais, recebendo pedidos de informação, evidenciando ainda o campo de escritores nacionais e internacionais com quem se relacionou.

E seja-me permitido destacar aqui o seu trabalho de divulgação da moderna escrita cabo-verdiana, a da revista *Claridade*, de 1936. Durante cerca de dez anos, no jornal *A Ilha*, de Ponta Delgada, Pedro da Silveira publicou os escritores daquele arquipélago, escreveu sobre eles e sobre as suas ilhas, tornando-se o maior divulgador da *Claridade* fora de Cabo Verde, como há anos me afirmava um intelectual do país.

Fui ao mar buscar laranjas (Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2019) é uma excelente ocasião para acedermos de novo e de forma consistente ao imaginário e à voz do mais ocidental poeta da Europa, redescobrimo-o nas suas inquietações e derivas, na continuada busca de um lugar, de uma *américa* jamais encontrada.

*Texto lido na apresentação do livro na Biblioteca Nacional, a 20 de Setembro de 2019; a análise da poesia ficou a cargo da Professora Fátima Freitas Morna.

China vai construir um novo hospital para tratar doentes do coronavírus

A China está a construir um hospital no centro de Wuhan para tratar e manter em quarentena os doentes do coronavírus que está a provocar o pânico entre a população e já levou ao cancelamento das festividades do Ano Novo Chinês, uma época em que enormes massas humanas se deslocam para visitar familiares.

O hospital estará pronto em cinco dias e para isso, segundo imagens divulgadas pela Sky News, a China já tem no local mais de 30 escavadoras e pelo menos dez bulldozers. São 25 mil metros quadrados que na sexta-feira começaram a ser terraplanados por dezenas de camiões e onde vão trabalhar centenas de pessoas.

Há 17 anos, por altura da epidemia SARS, um outro hospital deste género foi construído em Pequim. São já 33 milhões de pessoas em quarentena e a ideia de construir um novo hospital especializado é a de centralizar os pacientes infectados, replicando a situação de 2003, quando ocorreu a

epidemia do Síndrome Respiratório Agudo Severo (SARS).

Os relatos que vão chegando de Wuhan mostram que a população está de facto assustada até porque o medo é que este novo vírus, que pode ter tido origem em cobras, se torne tão ou mais mortal como o SARS que matou 774 pessoas em 17 países.

“A ideia deste novo edifício é colmatar a escassez de recursos médicos que existem neste momento. Será um pré-fabricado e por isso não vai custar muito dinheiro e não vai demorar muito a construir”, explicam os responsáveis autárquicos de Wuhan ao jornal oficial *Changjiang Daily*, citado pela Sky News. A China anunciou na sexta-feira a morte de uma pessoa devido ao coronavírus perto da fronteira com a Rússia. É a segunda vítima mortal fora do epicentro do surto, precisamente a cidade de Wuhan, elevando para 26 o número de mortos.

